

TRUMP DOBRA O ARCO DA HISTÓRIA NA ÁSIA OCIDENTAL (PARTE II)

Por M. K. Bhadrakumar*



Imagem gerada por inteligência artificial.

A grande questão é: Trump se envolverá com Teerã? Certamente, canais secretos estão abertos, como uma reunião em novembro entre Musk e o embaixador do Irã na ONU.

TRUMP FORÇA NETANYAHU ESCADA ABAIXO

O presidente Joe Biden, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu e seu agente-chave na Casa Branca, o conselheiro de Segurança Nacional Jake Sullivan, subestimaram irremediavelmente a rápida ação reflexa do presidente eleito Donald Trump para demolir seu plano demoníaco de dar início a uma guerra com o Irã atacando suas instalações nucleares pouco antes da posse do novo presidente.

Trump estava em guarda sobre a “possibilidade real” de que a equipe de Biden pudesse criar um álibi para atacar o Irã e desencadear uma guerra regional na fase final da transferência de poder que o deixaria preso em um atoleiro e potencialmente descarrilaria as estratégias de política externa de sua administração como um todo.

A questão é que é na Ásia Ocidental que a presidência de Trump é ameaçada pelo espectro de um atoleiro de política externa e militar – não na Eurásia ou na Ásia-

Pacífico, por mais que as apostas sejam altas nesses dois teatros também. Pois a segurança de Israel também é sobre a política interna dos EUA!

De fato, Trump agiu com calma e guardou seus pensamentos para si mesmo. Ele até permitiu uma corrida livre para a grandiloquência de Netanyahu para projetar que ele tinha uma equação especial com Trump e que este último havia planejado confrontar o Irã militarmente.

A escolha de Trump por Steve Witkoff, um judeu, como seu enviado especial para a Ásia Ocidental, passou relativamente despercebida. Witkoff é um novato político desconhecido na equipe de Trump, mas pode significar a marginalização de Jared Kushner e o enterro dos Acordos de Abraão.

Certamente, Witkoff, um bilionário *self-made* (filho de um fabricante de casacos femininos na cidade de Nova York), é uma escolha interessante porque ele não tem experiência anterior em diplomacia internacional e sua especialidade está em demolir propriedades que sobreviveram à sua utilidade e erguer novos edifícios e obter lucros enormes com isso – ou seja, um desenvolvedor imobiliário e investidor de Nova York como o próprio Trump. Trump conhece suas fortes habilidades de negociação, sua tenacidade para romper muros e fechar acordos, e criar projetos inovadores em condições difíceis.

Trump viu em Witkoff o homem certo para forçar Netanyahu. Era uma situação feita sob medida, pois Trump estava determinado a não herdar o impasse catastrófico na Ásia Ocidental que Biden estava deixando para trás em aliança com Netanyahu – com a influência e o prestígio americanos nos boxes regionalmente e a reputação de Israel irreparavelmente danificada internacionalmente.

Witkoff começou a trabalhar imediatamente, ao voar para Tel Aviv para entregar a mensagem surpreendente a Netanyahu de que Trump queria um acordo em Gaza em vigor quando ele assumisse o cargo. Notícias logo surgiram na semana passada no *Canal 12* de Israel de que Trump enviou uma mensagem a autoridades em Tel Aviv, pedindo a Israel que evitasse qualquer escalada “*desnecessária*” e se abstivesse de declarações que pudessem levar a conflitos regionais, particularmente durante o período de transição antes do início de sua administração.

O *Canal 12* acrescentou que “*os assessores de Trump informaram às autoridades israelenses que o novo governo dos EUA pretende alcançar a estabilidade no Oriente Médio, concentrando-se em promover a ‘paz’ entre Israel e o Líbano e manter o cessar-fogo em andamento*”.

O relatório continuou dizendo: “*Em suas discussões com autoridades israelenses, Trump enfatizou que não tinha intenção de se envolver em novas guerras durante os primeiros dias de sua presidência, pois pretende priorizar o tratamento de questões domésticas nos Estados Unidos.*”

Obviamente, Trump sentiu que Netanyahu estava orquestrando um cenário apocalíptico para forçá-lo a agir em um momento em que Teerã vinha sinalizando repetidamente que não tinha nenhuma intenção de buscar um programa de armas

nucleares e prometeu fazer de 2025 o ano em que a questão nuclear do Irã pode ser resolvida com o Ocidente. O próprio presidente Masoud Pezeshkian fez essa promessa junto com uma oferta para negociar com os EUA (veja a [entrevista fascinante do ex-primeiro-ministro israelense Ehud Barak](#) ao *Politico*.)

Enquanto isso, uma poderosa voz neocon também apareceu dando racionalização para os planos israelenses de empurrar Trump para o caminho da guerra. Isso veio na forma de um ensaio na revista *Foreign Affairs* que apareceu em 6 de janeiro, de autoria de ninguém menos que Richard Haas do Conselho de Relações Exteriores.

Haas é uma figura proeminente no establishment da política externa dos EUA e seu artigo intitulado *The Iran Opportunity* teve como objetivo angariar opinião contra Trump se aventurar em qualquer avanço com o Irã, como ele havia feito em relação à Coreia do Norte em seu primeiro mandato. Haas estava transmitindo o sinal israelense.

Substantivamente, o artigo de Haas foi uma grande decepção – uma repetição das fantasias e falsidades que permeiam a política de Washington em relação ao Irã durante as últimas quatro décadas. Importante, sem nenhuma evidência empírica para respaldar o argumento, ele insistiu que o Irã é uma potência muito diminuída hoje após a tomada da Síria por grupos islâmicos, e uma janela de oportunidade se abriu para acertar as contas com Teerã. Em suma, Haas literalmente reproduziu a narrativa israelense com sua assinatura, um engano intencional que não dá crédito à sua reputação.

No entanto, Trump não gostou que Netanyahu o enganasse. Trump se lembra de como Netanyahu o levou até o caminho do jardim para [ordenar o assassinato](#) do principal general iraniano Qassem Soleimani e então ele próprio fugiu no último minuto (curiosamente, Pezeshkian disse à *NBC News* em uma entrevista na semana passada que Teerã nunca emitiu nenhuma *fatwa* contra Trump por conta da morte de Soleimani).

Trump não se deixaria levar por Netanyahu e postou explicitamente no *Truth Special* um comentário duro sobre Netanyahu (“*profundamente filho da puta e sombrio*”) pelo pensador estratégico americano prof. Jeffrey Sachs na Universidade de Columbia em um evento de uma hora organizado pela Cambridge Union no Reino Unido no mês passado.

Vídeo: [Professor Jeffrey Sachs + Perguntas e Respostas](#)

Sachs fez muitas referências ao papel fundamental de Israel no desencadeamento de guerras regionais e postou um alerta vermelho para o novo governo dos EUA de que Netanyahu está em marcha novamente – desta vez, para começar uma guerra com o Irã – e Trump não deve cair nessa armadilha.

Não há dúvida de que o último acordo de Gaza foi literalmente enfiado goela abaixo de Netanyahu por Witkoff. De acordo com relatos israelenses, Witkoff ligou para o escritório de Netanyahu de Doha, onde ele estava hospedado, para marcar uma reunião em Tel Aviv no último fim de semana, mas apenas para ser informado de que sexta-feira era o dia do *Sabbath* judaico. Então, Witkoff, supostamente,

usou um palavrão e convocou Netanyahu para uma reunião. O que, é claro, Netanyahu cumpriu. A propósito, a aprovação formal do gabinete israelense para o acordo de Gaza já estava disponível 24 horas depois.

Agora, Witkoff, com a aprovação de Trump, é claro, “*planeja ser uma presença quase constante na região em uma tentativa de evitar que o acordo se desfaça*” e está considerando uma visita à Faixa de Gaza “*como parte de seus esforços para manter um acordo de cessar-fogo entre Israel e o Hamas no caminho certo, de acordo com um oficial de transição com conhecimento direto do processo de cessar-fogo*” (veja [aqui](#)).

Trump pode estar olhando além do acordo de Gaza. A resposta positiva de Teerã e das capitais árabes (assim como o apoio internacional esmagador) fornece um estímulo para Trump seguir adiante. Trump entende que a Ásia Ocidental se transformou além do reconhecimento desde que ele deixou o cargo e a reaproximação Irã-Arábia Saudita e a consequente mudança histórica na estratégia saudita são um modelo crucial (veja um artigo instigante na *Foreign Affairs*, [*The Saudi Solution? How Riyadh's Ties to America, Iran, and Israel Could Foster Stability*](#)).

A grande questão é até onde Trump irá para dobrar o arco da história – especificamente, ele se envolverá com Teerã? Sem dúvida, canais secretos estão em ação – por exemplo, a [reunião relatada](#) em 11 de novembro entre Elon Musk, conselheiro próximo de Trump e o embaixador do Irã na ONU. Todos os tipos de possibilidades existem.

[Leia a primeira parte deste artigo [aqui](#).]

Publicado no [Indian Punchline](#).

***M. K. Bhadrakumar** foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.
